

**CONHECIMENTO HISTÓRICO COMO FORMAÇÃO DE VALORES  
PARA UMA VIDA ARTÍSTICA: UMA LEITURA DE *REMBRANDT ALS  
ERZIEHER* DE JULIUS LANGBEHN**

Walkiria Oliveira Silva<sup>1</sup>  
Doutoranda em História  
Universidade de Brasília – UnB  
walkiria.oliveiras@gmail.com

**Resumo:** *Rembrandt als Erzieher* de Julius Langbehn foi publicado anonimamente em 1890, e seu sucesso editorial foi imediato. De modo geral, o livro consistia em uma crítica à cultura alemã do final do século 19 e seu principal alvo era a ciência moderna especializada. Neste artigo, a obra de Langbehn é analisada mediante três pontos centrais: o primeiro deles trata da concepção do autor sobre o estado geral no qual se encontrava o conhecimento científico de seu próprio tempo. Através deste ponto, procura-se entender a relação entre o conhecimento histórico e as ideias propostas por Langbehn para o conhecimento científico de modo geral. Mais ao final, intenta-se compreender de que maneira o conhecimento histórico - tal como proposto pelo autor - atrela-se ao conceito de *Bildung* e sua função pragmática.

**Palavras-chave:** *Bildung*, identidade, historicismo, historiografia alemã, pragmática.

**Abstract:** Julius Langbehn's book, *Rembrandt als Erzieher*, was published in 1890 and had an immediate editorial success. Overall, the book presented a very critical point of view about the German culture in the late nineteenth century. The refusal to the modern scientific knowledge was the center of Langbehn's thought. This article aims analyzing *Rembrandt als Erzieher* based on three main questions: the first is the analysis of the author's conceptions on the science in the late nineteenth century. Then it is sought out to understand the relation of Langbehn's ideas on science to his conception of historical knowledge. Finally, it is aimed to understand the connection between historical knowledge and the concept of *Bildung* through the pragmatical function of historiography.

**Keywords:** *Bildung*, identity, historicism, German historiography, pragmatic.

**Artigo recebido em:** 05/02/2017

**Artigo aprovado em:** 30/10/2017

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília. Este artigo derivou de minha pesquisa de doutoramento que tem apoio financeiro do CNPq. Agradeço ao professor Dr. Estevão Chaves de Rezende Martins pela prévia leitura e importantes sugestões.

*A diferença entre o espírito e a política corresponde àquela entre a Kultur e a civilização, a alma e a sociedade, a liberdade e o direito ao voto [Stimmrecht], a arte e a literatura; e a germanicidade [Deutschum], isto é Kultur, alma, liberdade, arte e não civilização, sociedade, direito ao voto e literatura.*

Thomas Mann – *Betrachtung eines Unpolitischen*.

### **I- Der Rembrandtdeutsche, Julius Langbehn**

August Julius Langbehn nasceu em 26 de março de 1851 na cidade de Hardensleben, ao sul da Dinamarca, àquela época parte do ducado de Schleswig. Sua mãe provinha de uma família de pastores e seu pai que estudara Filologia tornou-se vice-diretor do Ginásio de Hardsleben nos anos de 1840. A família se mudou para Kiel em 1851, após seu pai ser demitido em razão das consequências das revoluções de 1848. Os dinamarqueses pressionaram os adeptos nacionalistas da causa alemã, os quais durante as revoluções ambicionaram a separação da província da Dinamarca, caso do pai de Langbehn. Kiel, cidade localizada no norte alemão, pertencia ao ducado de Holstein que, embora estivesse sob a coroa da Dinamarca, era governado de fato pelo império alemão. Em razão da localização tanto de sua cidade natal quanto de Kiel, o jovem Langbehn cresceu em meio a conflitos pela disputa da administração de Schleswig e Holstein. Durante sua infância e juventude, Langbehn presenciou dois conflitos os quais diziam respeito não somente às disputas administrativas pelos dois ducados, mas também ao processo de unificação alemã, encerrado em 1871 sob a liderança de Otto von Bismarck, primeiro ministro prussiano desde 1862<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> No ducado de Schleswig encontrava-se uma população majoritariamente dinamarquesa enquanto em Holstein – parte do Sacro Império Germânico entre 1815 e 1864 – uma população de maioria alemã. Em razão de uma série de acordos de cunho pessoal, ambos os ducados eram governados pela coroa dinamarquesa. Como consequência das revoluções de 1848, a monarquia absolutista dinamarquesa foi substituída por uma monarquia constitucional de base liberal. A constituição liberal promulgada no mesmo ano por Frederico VII da Dinamarca estendeu-se também a Schleswig-Holstein. A população de origem alemã iniciou uma insurreição e a intervenção militar prussiana expulsou as tropas dinamarquesa da região. O desfecho do conflito deu-se com o Tratado de Londres quando a Prússia devolveu à Dinamarca a região dos ducados. Em 1864 um novo conflito se iniciou. Pelo tratado de Viena, a Dinamarca cederá Schleswig e Holstein à Prússia e à Áustria. Com a Guerra Austro-Prussiana o reino da Prússia anexou definitivamente Schleswig-Holstein. (HOBSBAWM, 1996, P. 48)

Langbehn entrou para o ginásio em 1863 e após sua conclusão matriculou-se na Universidade de Kiel com o objetivo de dedicar-se aos estudos das ciências naturais. Interrompeu seus estudos devido à eclosão da Guerra Franco-Prussiana na qual combateu como fuzileiro nas batalhas de *Le Mans* e *Orléans*. Ao retornar para Kiel retomou seus estudos em química. Em 1872 transferiu seus estudos para a Universidade de Munique, porém pouco tempo depois retornou a Kiel em razão da enfermidade de sua mãe. Quando regressou para a Universidade de Munique, em 1875, transferiu seus estudos para a faculdade de Arte e Arqueologia. Seu trabalho de doutoramento *Flügelgestalten der ältesten griechischen Kunst* [Formas das asas na arte grega antiga] foi concluído em 1880. Aluno exemplar Langbehn foi indicado por seu professor, o arqueólogo Heinrich Brunn (1822-1894), para uma bolsa de estudos do Instituto de Arqueologia de Roma. Pela recusa de sua candidatura, Langbehn culpou a interferência de Theodor Mommsen (1817-1903). Seu ressentimento transparece, posteriormente, em seu *Rembrandt*. No ano seguinte a bolsa de estudos lhe foi afinal concedida e Langbehn viajou então para Roma a fim de aprimorar seus estudos em arqueologia.

Langbehn afastou-se progressivamente do meio acadêmico. Logo em 1881, depois de regressar de sua viagem a Roma, escreveu a um amigo sobre sua decisão de distanciar-se tanto de seu professor Brunn quanto do meio acadêmico de modo geral. Na carta afirmou que após sua pausa em Roma, havia decidido que era chegada a hora de parar “de estudar o passado [...] e construir o futuro”. Uma década após seu doutoramento, requisitou à Universidade de Munique que seu nome fosse retirado da lista de doutores formados naquela universidade. Ao receber a recusa da universidade, Langbehn tomou uma decisão radical: rasgou seu diploma e o enviou à universidade.

*Rembrandt als Erzieher*<sup>3</sup> [Rembrandt como educador] foi publicado em 1890. Julius

---

<sup>3</sup> Utilizo para este artigo a edição de 1934, editada por Hans Kellermann, proprietário da editora Alexander Denker Verlag. O livro foi impresso em *Fraktur* – fonte gótica típica alemã - uma exigência de Langbehn. Pode-se indicar que a exigência da *Fraktur* exprime uma preocupação estética do autor que reforça elementos identitários germânicos, uma vez que a *Fraktur* foi utilizada sobretudo no espaço germânico. A tese de doutoramento de Langbehn foi igualmente editada em *Fraktur*, o que causou irritação durante seu processo de avaliação. É possível que o título da obra tenha sido inspirado na obra de Friedrich Nietzsche, *Schopenhauer als Erzieher*, publicada em 1874. Após o sucesso editorial de Langbehn, vários livros com títulos semelhantes ao seu *Rembrandt* vieram a público. Um exemplo durante o entre-guerras seria *Nietzsche als Erzieher* do filósofo e pedagogo Martin Havenstein, publicado em 1922 (STERN, 2005, p. 162-163).

Langbehn preferiu publicar sua obra sob o pseudônimo “um alemão” [*von einem Deutschen*]. Langbehn caracterizou sua obra como um livro nacional e para publicá-la exigiu do editor que seu preço nas livrarias não ultrapassasse dois marcos, uma forma de garantir-lhe fácil acesso. Outro elemento não menos importante é o destaque dado ao pintor holandês como educador. Tratava-se, portanto, de uma obra com caráter eminentemente pedagógico. *Rembrandt als Erzieher* portava assim a mensagem pedagógica de um autor que representava simultaneamente todos aqueles que se compreendiam como alemães. Ao mesmo tempo, Langbehn colocava-se como líder, profeta que poderia conduzir os alemães ao reencontro de sua identidade nacional que havia se perdido em razão do advento da sociedade moderna industrial.

O sucesso alcançado pela obra foi notável para o mercado editorial alemão do final do século 19. Em apenas dois anos foram realizadas 39 edições do livro. Somente no ano de seu lançamento foram impressos 60 mil exemplares. No final da década de 1920, o número de vendas do livro tendeu a subir novamente e, até o final da Primeira Guerra Mundial, foram vendidos em torno de 150 mil exemplares. Nesse sentido, era impossível que a obra passasse despercebida aos olhos da intelectualidade alemã, mesmo que fosse somente pelo simples motivo de seu sucesso editorial. Entretanto, não foi essa a única razão para que o *Rembrandt* de Langbehn despertasse interesse, admiração ou repulsa de parte da intelectualidade alemã do período<sup>4</sup>.

Langbehn procurou construir a imagem de um Rembrandt que, embora holandês, encarnasse o ideal da identidade alemã. O argumento inicial do autor se assenta em uma característica identitária fundamentada geograficamente. Langbehn afirma que a região do norte alemão, *Niederdeutschland*, portava o verdadeiro espírito alemão. Associado ao caráter dos *Niederdeutschen* estava a qualidade de construtores [*Bauer*], diretamente ligada à tarefa de

---

<sup>4</sup> As primeiras resenhas sobre o *Rembrandt* foram quase todas positivas. As críticas apareceram à medida em que Langbehn modificou o texto, acarretando críticas de grupos específicos, sobretudo judeus. Como exemplo, podemos citar a resenha de Wilhelm Bode (1845-1929), historiador da arte e importante especialista em Rembrandt. Bode considerou a obra de Langbehn como “eine Streitschrift, aus dem innersten Leben des deutschen Geistes gegriffen und bestimmt, in der Klarlegung unserer heutigen vielfach verkommenen Verhältnisse die Anhaltspunkte für die notwendige Wiedergeburt der deutschen Bildung und Kunst zu finden.” (BODE, Wilhelm. “Rembrandt als Erzieher von einem Deutschen”. In: *Preussischer Jahrbücher*, LXV, 3, 1890, p.390. APUD: STERN, 2005, p.220). Georg Simmel escreveu no *Vossischen Zeitung*: “Noch nie habe ich so landläufige und zu großen Teil unbedeutenden Grundgedanken mit so sprühenden Geist und origineller Sprechweise vorbringen hören.” (citado por: ILSCHNER, Liselotte. *Rembrandt als Erzieher und seine Bedeutung*. . Danzig, 1928. APUD: STERN, 2005, p..218).

reconstruir a identidade alemã. Essa identidade instituída a partir da *Niederdeutschland* seria uma postura de espírito que embora pertencesse à região estaria para além de suas fronteiras geográficas. Isso justificaria que figuras como Rembrandt ou Shakespeare, por exemplo, fossem dotadas dessa postura e assim representassem a identidade alemã ideal (LANGBEHN, 1934, p.115;117).

No entanto, a grande temática da obra se encontra na recusa à tradição racionalista ocidental, à modernidade, à sociedade industrial massificada. Em vista disso, toda a sua crítica da cultura é construída mediante uma repulsa ao conhecimento científico. Aos olhos de Langbehn, a ciência moderna especializada era a grande culpada pela destruição da cultura e da identidade alemãs. Por isso, Rembrandt é associado às características anti-modernas mediante as quais a identidade futura dos alemães deveria ser reconstruída. Neste sentido são associados à Rembrandt o individualismo, a postura anti-intelectualista e artística como recusa à científica. Rembrandt torna-se uma escolha para encarnar as características da identidade alemã ideal. Não há outro argumento, além do geográfico, que justifique a escolha de Langbehn por Rembrandt. É possível afirmar que assim como Rembrandt qualquer outra personalidade poderia ser associada a este argumento geográfico mesmo sem ser necessariamente alemão. O fundamental para Langbehn era a existência de um indivíduo que pudesse representar a identidade alemã que o próprio Langbehn almejava. Nesse sentido, Rembrandt tornou-se o centro que ao encarnar a identidade alemã representava a recusa de Langbehn da sociedade alemã de seu tempo.

O livro encontra-se organizado em cinco partes tematicamente divididas - arte, ciência, política, *Bildung*, humanidade - e todas precedidas pelo adjetivo “alemão”. Embora num primeiro momento a obra pareça sistematicamente estruturada, sua leitura revela uma evidente falta de organização lógica sistemática. A obra de Langbehn, publicada logo no início da década de 1890, pode ser entendida como catalisador de um conjunto de insatisfações e tendências que circulavam no espaço cultural alemão do final do século 19. Stern considera que Langbehn teria antecipado conceitos que dominaram o léxico intelectual alemão durante as primeiras décadas do século 20 e esse é um dos motivos pelos quais sua obra não pode ser desprezada. Nesse sentido, a narrativa de Langbehn ajudou a popularizar conceitos como *Kraft* [força], *Volkstum*, *Gemeinschaft* [comunidade], além de um novo ideal acerca da função social da arte

[*Kunst*] (STERN, 2005, p.229).

Para Stern o pensamento de Langbehn vincula-se diretamente às ideias da revolução conservadora, designada pelo historiador como o conjunto disseminado de ataques ideológicos contra a modernidade e o moderno complexo de ideias e direções da sociedade liberal industrial (STERN, 2005, p. 8). De forma geral, os pensadores ligados à revolução conservadora buscavam a destruição do presente mediante um retorno a um passado ideal e utópico com o objetivo de construir uma nova comunidade para um futuro igualmente idealizado. Nessa lógica, quanto mais turvo parecia o presente aos olhos dos adeptos da revolução conservadora, mais brilhante e glorioso se apresentava o passado. Não se tratava portanto, de conservar algo do presente, mas de destruí-lo mediante o retorno a um passado idealizado. Nisso consistia o paradoxo da revolução conservadora (STERN, 2005, p.7-8). A partir de um conceito semelhante ao de revolução conservadora, o germanista Johannes Pankau compreende a obra de Langbehn mediante um irracionalismo popular [*völkisch-irrationale Position*] cujos principais elementos seriam (1) a idealização e a propagação de um passado histórico, (2) a fixação na ideia de uma organização social orgânica, (3) a negação do intelectualismo e por fim (4) o medo da massificação e uma posição aristocrática que contribuiria para o aparecimento de profetas e líderes que teriam por missão salvaguardar o futuro nacional (PANKAU, 1983, p.108).

Posteriormente, *Rembrandt als Erzieher* foi interpretado, sobretudo em razão do seu conteúdo antissemita, como uma obra cujas ideias centrais iam ao encontro dos ideias nacional-socialistas<sup>5</sup>. Consequentemente a aproximação da obra com o nacional-socialismo contribuiu para que o nome de Langbehn caísse no esquecimento. Entretanto, Langbehn faleceu em 1907 e, a menos que se considere a possibilidade de uma história contrafactual, não é possível afirmar que Langbehn teria apoiado o regime nazista com base no conteúdo antissemita de seu *Rembrandt*<sup>6</sup>. O antissemitismo era um elemento cultural europeu comum, atrelado a uma

---

<sup>5</sup> Na edição utilizada para este artigo, na introdução feita pelo editor, Dr. Hermann Kellermann, a obra é associada diretamente ao nacional-socialismo. A ascensão do nazismo, segundo o editor, abria uma nova possibilidade de leitura do livro e de sua capacidade de influência nos jovens daquele novo tempo. No entanto, não é possível afirmar categoricamente se tal afirmação se tratou da interpretação dada pelo editor ou de um certo oportunismo criado pelo próprio contexto.

<sup>6</sup> Para Stern, a acusação de Langbehn contra os judeus que são associados aos malefícios da modernidade ocupam um lugar menor na obra e na vida de Langbehn (STERN, 2005, p.199-200). No entanto, cabe ressaltar que para a edição de 1891, Langbehn acrescentou um capítulo com um conteúdo antissemita expressivo. Passagens com

tradição milenar, anterior ao início do nacional-socialismo e sua política antissemita avassaladora. Não é raro, neste sentido, encontrar em obras de muitos autores como Langbehn um conteúdo antissemita expressivo. Pode-se reconhecer que existam afinidades eletivas entre as ideias antissemitas da obra e o cerne antissemita do discurso nazista. Todo autor, ao dispor sua obra para o público, perde parte de sua autonomia interpretativa. De um ponto de vista histórico, sua obra é perpassada por inúmeras vertentes interpretativas que se interpõem e se modificam continuamente, tanto diacrônica quanto sincronicamente.

Langbehn não produziu uma obra acadêmica, a partir das exigências do meio acadêmico e voltada para os seus próprios pares. Todavia, sua reflexão está atravessada por ponderações acerca da situação do conhecimento científico, das universidades, dos intelectuais e seu respectivo papel social. Mesmo considerando-se avesso à academia, Langbehn acabou por produzir um livro que discutia diretamente com os intelectuais e chamou a atenção para temas que seriam amplamente discutidos pela intelectualidade alemã nas próximas décadas.

## **II - O conhecimento científico como arte.**

O advento de uma sociedade cada vez mais industrializada sobretudo a partir da segunda metade do século 19, causou um processo de desorientação diante do desenvolvimento de um mundo dominado pela técnica, pela velocidade e pelo vapor - símbolo máximo do processo de aceleração da sociedade industrial. O rearranjo das forças sociais e o crescimento do proletariado e da burguesia industrial, acabaram por acarretar um descontentamento contínuo com a experiência da modernidade no final do século 19. No ano de sua unificação, o império alemão era mais populoso e mais poderoso economicamente que a França, por exemplo. De acordo com Hobsbawm, uma consequência importante do processo de industrialização da Europa foi a penetração da indústria pela ciência. Assim, o aumento da colaboração entre

---

caráter antissemita encontram-se espalhadas pela obra e de modo geral estão assentadas sobre uma distinção fundamental entre os judeus ortodoxos que não estão identificados com a modernidade e portanto, constituem parte positiva da cultura alemã. Em lado oposto, encontravam-se os judeus modernos degenerados pela experiência da modernidade, ligados ao capitalismo, ao liberalismo e ao desenraizamento da própria cultura judaica. Esse grupo seria prejudicial à cultura alemã.

ciência e indústria tornou-se, daquele momento em diante, fundamental para o desenvolvimento e aprimoramento das sociedades industriais. Um exemplo do entrecruzamento entre ciência e indústria foi a criação, em 1850, da *Realschule*, que consistia em uma escola secundária de orientação eminentemente técnica, sem o caráter clássico humanista das universidades alemãs (HOBSBAWM, 1996, p. 69-72). A intelectualidade alemã viu-se assim aturdida diante das transformações sociais significativas que atingiram também suas reflexões e a sua forma de dar significado ao mundo.

Os anos 1890 evidenciaram importantes transformações no âmbito da vida cultural alemã. Diante das mudanças sociais, um novo interesse pela “liberdade interior”, pelo papel do indivíduo diante da sociedade industrial de massas pareceu emergir nas discussões acerca da vida moderna (STERN, 2005, p.229). Não sem razão, Langbehn apontou o domínio das ciências da natureza no meio acadêmico alemão, bem como a extensão do seu conceito de objetividade e experimentação - que subtraía a subjetividade - às *Geisteswissenschaften*. De maneira geral, no campo do conhecimento científico, sobretudo no das ciências humanas, o estabelecimento de uma ciência de cunho positivista cada vez mais especializada e fundada no ideal de objetividade das ciências da natureza foi sentida como uma crise de caráter existencial, como uma ameaça à identidade que conseqüentemente significava a desintegração da personalidade (PANKAU, 1983, p. 50). Diante do esfacelamento do ideal humanista de intelectual, cujo trabalho era cada vez mais afastado de sua própria subjetividade e mais subordinado às demandas da sociedade industrial capitalista - o fortalecimento do tipo intelectual outrora designado por Schiller como *Brotgelehrten* - estabeleceu-se uma crise generalizada no campo das ciências humanas que tendeu a se fortalecer ao adentrar o século 20.

A postura anti-científica de Langbehn encontra-se pulverizada no decorrer de toda a obra, para além da segunda parte intitulada “Ciência Alemã” [*deutsche Wissenschaft*]. A aversão à ciência moderna especializada constitui seu principal tema e a ciência é o inimigo a ser combatido. Logo no início, Langbehn responsabiliza a ciência especializada pela decadência da “vida espiritual do povo alemão” (LANGBEHN, 1934, p.1). O grande mal da ciência moderna era seu distanciamento do individualismo, por essa razão, para a reforma que pretendia estabelecer, Langbehn afirmava que “a educação [*Erziehung*] para o individualismo e a partir do individualismo se apresenta[va] como o próximo dever do povo alemão no campo espiritual”

(LANGEBEHN, 1934, p.4). Ao especializar-se, a ciência perdera de vista sua relação com a individualidade espiritual [*geistigen Individualität*] (LANGEBEHN, 1934, p. 51). Individualidade para Langbehn assentava-se sobre o pressuposto de que toda interioridade é demarcada por elementos nacionais comuns específicos. Nesse caso, o que o autor demarca como negativo é a produção científica com base em regras de objetividade de caráter universal que descartam a subjetividade. Adjacente à essa conclusão está a constatação de um mal ainda mais nefasto à ciência, sua “pedra da morte”, a perda da sua função formativa pragmática a fim de desenvolver e manter uma *Bildung* orgânica e nacional (LANGEBEHN, 1934, p. 52).

A ciência se encontrava, para Langbehn, dominada pelo excesso de especialização e era realizada mediante um pressuposto de objetividade cuja finalidade era a anulação da subjetividade e o distanciamento das questões nacionais. A solução para o problema da ciência era sua aproximação com a arte. A tentativa de retirar qualquer traço de subjetividade fazia com que o conhecimento científico se encontrasse indiferente à vida e às necessidades do tempo presente. Arte é, no entender de Langbehn, a designação de todo conhecimento produzido a partir de uma perspectiva subjetiva, intuitiva e fundamentalmente nacional e por tal razão não pode estar desvinculada da ideia de individualismo. Assim, ressalta a necessidade não somente de uma ciência artística, mas também de uma vida artística. Nessa questão não se trata apenas de uma nova função social da arte, como sugeriu Stern, mas de uma nova convicção acerca da ideia de arte, entendida aqui como a reabilitação da subjetividade em diversos campos da vida - e claro, no conhecimento. Arte - *Kunst* - acaba por designar um conceito que representa uma aversão à sociedade moderna e quando associado à ciência dizia respeito à produção de um conhecimento científico o qual possuía por parte integrante fundamental a subjetividade. Por tal razão, Langbehn apontou que o dever da ciência, assim como o da arte, era pintar o mundo e não somente descrevê-lo. Nesse sentido, sugeriu que a possibilidade do conhecimento somente seria dada a partir da própria interioridade do intelectual que somente após criar uma imagem a partir de seu próprio espírito, poderia trazê-la ao mundo. A descrição encontrava-se associada à ciência moderna cujo objetivo era apenas coletar dados e descrevê-los a partir de regras de objetividade universais.

Apontou-se como o principal dever da ciência descrever [*beschreiben*] o mundo; o dever da arte de pintar [*schildern*] o mundo é ainda maior; pois nenhuma descrição pode substituir uma imagem [*Bild*], no entanto uma imagem pode substituir uma descrição. A imagem é superior ao livro (LANGEBEHN, 1934, p.47).

A possibilidade de um conhecimento que se formava a partir de uma imagem, uma *Bild*, para posteriormente atingir o exterior é o que Langbehn chama de arte. O conhecimento diria respeito a uma construção interior, ato cognitivo da subjetividade humana, para depois tornar-se exterior. *Bild* remete nessa lógica à concepção primeira de uma visão interior mediante a subjetividade que para Langbehn é demarcada por elementos nacionais. O resultado desse conhecimento - e Langbehn o estende tanto às *Geisteswissenschaften* quanto às ciências da natureza - corresponde à subjetividade daquele que o produz. A única solução para a ciência moderna era, se não transformar-se, ao menos compartilhar do objetivo da arte, ou seja, conectar-se novamente com a subjetividade do pesquisador que é ligada a traços eminentemente nacionais. É preciso lembrar que para Langbehn o dever do povo alemão no campo espiritual era desenvolver uma educação para o individualismo. Nesse sentido, a ciência artística que propunha deveria cumprir o papel de educadora para o individualismo e assim, tornar-se formativa. Existe na sua lógica um elemento intersubjetivo fundamental entre aquele que produz conhecimento e aquele que o recebe: a subjetividade nacional.

Importante lembrar que Langbehn publicou seu livro sob o pseudônimo “um alemão” [*von einem Deutschen*]. Ao designar como autor apenas “um alemão”, Langbehn indicava que o conteúdo da obra não dizia respeito somente a uma reflexão individual. De alguma maneira, o autor procurou evidenciar que seu livro mantinha uma relação intersubjetiva fundamental e indispensável com aqueles que se consideravam alemães.

Langbehn propôs uma distinção entre “verdadeira objetividade” atrelada à sua concepção de ciência em harmonia com a subjetividade e a “falsa objetividade” disseminada pela “falsa ciência” ou seja, a ciência do seu tempo que ele buscava combater (LANGBEHN, 1934, p.61-62). Para ele a ciência somente é possível mediante a reabilitação da subjetividade do intelectual que a seu ver está conectada diretamente a elementos nacionais que demarcam a identidade. Por isso era impossível a emergência de uma ciência comprometida com o seu próprio tempo e sobretudo com as questões nacionais se a premissa básica para seu desempenho fossem regras objetivas universalmente válidas, pautadas nas ciências naturais.

Ao sintetizar o pensamento do autor de *Rembrandt*, chega-se à algumas premissas básicas do seu principal argumento: existe uma ligação direta e indispensável entre ciência e

subjetividade; essa subjetividade é marcada por elementos nacionais; logo, o resultado do ato cognitivo de produzir um conhecimento mediante essa subjetividade está conectado à cultura nacional. Consequentemente, é possível dizer que para o autor de *Rembrandt*, o conhecimento científico desempenha a tarefa fundamental de garantir a identidade nacional mediante um diálogo intersubjetivo inerente à produção do conhecimento científico tal como proposto pelo autor.

### III – A história como arte.

A reflexão de Langbehn sobre o conhecimento histórico encontra-se vinculada às suas ideias acerca do conhecimento científico e sua relação com a subjetividade a partir dos elementos nacionais. Como todo conhecimento científico, também a história deveria tornar-se arte, ou seja, conciliar-se com a subjetividade inerente ao ato cognitivo de pesquisar o passado. Conhecimento histórico e identidade nacional encontram-se, a partir dessa perspectiva, intrinsecamente conectados. Para Langbehn, o conhecimento histórico somente seria correto se estivesse voltado para a investigação do caráter nacional. Langbehn não hesita ao afirmar que a o desenvolvimento da história mundial consistia num tabuleiro onde cada individualidade nacional jogava com outras. Aqui, Langbehn deixa claro que uma individualidade nacional, o *Geist* nacional, ou seja, a identidade, desenvolve-se numa relação de contínua alteridade.

Pois a verdadeira vida da história mundial primeiramente se desenvolve a partir do jogo de trocas entre o espírito [*Geist*] exterior e o espírito nacional de um povo. Pode-se demarcar essa relação como a “polaridade histórica” dos povos (LANGBEHN, 1934, p.241).

O indivíduo significativo encontra-se intimamente ligado ao conhecimento histórico ao se tornar seu principal objeto de estudo. O indivíduo significativo é aquele que reforça as características nacionais. A identidade<sup>7</sup> de um povo pode ser compreendida a partir de um

---

<sup>7</sup> O conceito de identidade ainda não existe no final do século 19. Num primeiro momento o conceito de identidade foi utilizado no campo da psicologia individual na década de 1940 e foi posteriormente apropriado para o campo

conjunto de características comuns e imutáveis que ganha forma nos indivíduos significativos.

Quando se quer demarcar uma visão comparativa das características próprias e imutáveis de um povo, então deve-se lançar um olhar conciso sobre o grupo dos homens os quais a desenvolveram e ilustraram ao longo da história, como um parâmetro duradouro dessa individualidade. [...] As virtudes assim como os erros de um povo chegam aos homens no desenrolar da história. [...] Um povo só pode gerar [*erzeugen*] seu futuro através do seu passado; e o presente deve mediar a relação entre ambos; sobre esse trilho se movimenta um povo (LANGBEHN, 1934, p. 5-6).

Nessa relação o historiador encontra-se, a partir do seu tempo presente, em uma relação pendular com o passado e o futuro. Cabe a ele a responsabilidade de movimentar-se como um pêndulo o qual ao revisitar o passado a partir de seus vestígios traz para o presente elementos significativos para a construção do futuro. Cabe a ele escolher, a partir da sua subjetividade que se encontra intrinsecamente unida a uma formação - *Bildung* - nacional, quais as experiências do passado podem ser valorativas para o futuro que ele mesmo planeja ou idealiza. Nessa lógica, o trabalho do historiador se realiza a partir de um diálogo temporal entre passado, presente e futuro e seu resultado constitui assim uma síntese entre as experiências históricas do passado, as expectativas criadas para o futuro e as necessidades do tempo presente. Na mesma carta que escreveu a um amigo sobre sua desistência do mundo acadêmico, Langbehn afirmou que para a sua nova tarefa de construir o futuro, deveria “multiplicar o presente no passado para assim ter o futuro” (APUD: BURGER- PRINZ, 1940, 52).

É importante sublinhar que Langbehn não descartou o caráter exemplar do conhecimento histórico. Não se trata de uma repetição pura e simples do passado. Cabe lembrar que Langbehn imaginou um futuro o qual se apresentava diferente do seu tempo e que, embora buscasse referências no passado, também não era idêntico a esse. Por isso, o tempo presente torna-se um pêndulo que ao mover-se constitui uma relação dialética e eletiva com o passado mediante o planejamento de um futuro idealizado e mesmo utópico. Não por acaso, Langbehn ressaltou que os indivíduos significativos que portam o ideal de nacionalidade - os heróis-

---

das ciências sociais. Portanto, termos como “povo”, “caráter”, “alma”, eram utilizados no sentido de identidade coletiva, ou seja, o conjunto de características comuns que distinguem um grupo do outro, demarcando assim uma relação de identidade.

devem ser escolhidos de acordo com a necessidade de cada período pois cada contemporaneidade necessita de seus respectivos modelos. O importante é que permaneça uma certa “imitação de suas mentalidades [*Gesinnung*]”<sup>8</sup> (LANGBEHN, 1934, p.8). A história desempenha um caráter instrutivo. Não se trata contudo de uma história *magistra vitae*, uma narrativa tradicional exemplar, cujo objetivo maior seria formular leis atemporais que pudessem guiar os homens em seu presente diante de suas possibilidades de ação. Trata-se de salvaguardar o elemento subjetivo [*Gesinnung*] que se apresenta em cada individualidade e que, ao mesmo tempo, fundamenta a identidade nacional. Ao que parece, Langbehn sugere a existência de elementos atemporais que podem se expressar na *Gesinnung* de cada indivíduo significativo e que se moldam às condições históricas de cada período se ajustando às suas necessidades.

Ao tratar do conhecimento histórico, Langbehn utiliza o conceito de individualismo em duas vias intercambiáveis: individualismo diz respeito primeiro ao caráter subjetivo do pesquisador o qual deve estar presente em qualquer área do conhecimento e no caso também no histórico. No caso do conhecimento histórico individualismo constitui também o ponto central de investigação do historiador que deveria - a partir de sua própria individualidade - buscar nas individualidades históricas - nesse caso o indivíduo significativo - os elementos fundamentais do caráter nacional. A historiografia torna-se assim o resultado da investigação intersubjetiva acerca do “caráter nacional” (LANGBEHN, 1934, p.220).

Não se tratava porém, de abandonar os métodos de observação e crítica históricas. O historiador deveria estar apto para distinguir nas suas fontes o verdadeiro do falso. A regra metódica básica de crítica das fontes deveria permanecer, no entanto, como um trabalho menor de viés técnico. O mais relevante era o uso dado ao resultado obtido mediante a investigação metódica (LANGBEHN, 1934, p.52). O objetivo era que a ciência, como a arte, tivesse por função construir visões de mundo a partir da própria subjetividade do intelectual, ou no caso de Langbehn, do artista. Nesse caso, esse seria igualmente o objetivo do conhecimento histórico. Não se tratava de uma mudança metódica que acarretasse uma mudança nas regras da crítica

---

<sup>8</sup> *Gesinnung* não é uma palavra facilmente traduzível. *Gesinnung* é um conceito importante no pensamento de vários intelectuais do final do século 19 e corresponde ao que poderíamos chamar de interioridade [*Innerlichkeit*]. Assim, *Gesinnung* expressa a procura do indivíduo isolado pelo seu ser [*Dasein*] e como esse dá significado ao mundo. *Der Gesinnung der Deutschen* repousa profundamente no interior do indivíduo a despeito da opção do mundo exterior, ou no caso, não alemão.

metódica. O problema, ou melhor, a solução para o conhecimento histórico centrava-se na narrativa, enquanto produto da investigação cognitiva do passado mediante o individualismo, ou seja, a subjetividade do historiador<sup>9</sup>.

Langbehn distingue pesquisa histórica e escrita da história. O problema do conhecimento histórico havia se deslocado para o resultado, ou seja, para a narrativa histórica. Ou seja, as fontes permaneciam como vestígios de experiências históricas que por si só não possuíam capacidade formativa. A ideia de uma pesquisa histórica totalmente separada do ato narrativo pode ser compreendida como uma reação à internacionalização do trabalho científico assentado em regras metódicas de caráter universal<sup>10</sup>. A crítica de Langbehn se centrava no ato cognitivo do historiador de dar sentido ao passado mediante a sua própria subjetividade - para Langbehn estritamente ligada a elementos nacionais. A narrativa constitui assim um ponto de intersecção entre vários níveis de diálogos transtemporais intersubjetivamente construídos entre a subjetividade do pesquisador com a subjetividade de seu objeto - o indivíduo significativo -, com a do seu leitor e deste último com o próprio pesquisador e seu objeto. Todos eles se ligam via narrativa ao elemento intersubjetivo comum que garantia a identidade. A narrativa histórica cumpre assim uma função formativa fundamental ao garantir a manutenção das características nacionais.

Pesquisa histórica [*Geschichtsforschung*] é ciência, historiografia [*Geschichtsschreibung*] é arte; não se pode confundir uma com a outra. A classificação de fatos com a qual se limitam agora é apenas a metade do trabalho exigido e não é a sua melhor parte. Existem dois tipos de crítica: uma que separa o verdadeiro do falso, e outra, que separa o essencial [*wesentlich*] do não essencial; aquela é negativa e depurativa, uma forma inferior; esta é positiva e formativa [*gestaltend*]<sup>11</sup> e por isso uma forma superior. Na ciência alemã atual em suas diferentes disciplinas históricas predomina a primeira forma de crítica; ela traz à luz

---

<sup>9</sup> Como exemplo de uma historiografia ligada à concepção do autor tanto de uma “falsa ciência” quanto de uma “falsa objetividade” encontra-se Leopold von Ranke. O pai da ciência histórica moderna é categorizado como modelo de historiador apenas comprometido em catalogar documentos. Ranke, na lente de Langbehn, não marca o início, mas a decadência da historiografia (LANGBEHN, 1934, p.64). Em nenhum momento Langbehn cita a já famosa introdução de Ranke à sua “História Universal” na qual afirmou que a história era ciência e arte.

<sup>10</sup> Em 1930, durante seu discurso no 17º *Historikertag* realizado na Universidade de Halle, o historiador Ernst Kantorowicz, já então reconhecido devido à sua obra *Kaiser Friedrich der Zweite*, chegou a uma conclusão muito semelhante. Para Kantorowicz, o trabalho do historiador se dividia entre *Geschichtsforschung* e *Geschichtsschreibung*. A pesquisa histórica englobava o trabalho de reunião e crítica das fontes enquanto a narrativa constituía parte da literatura nacional. Também para o historiador, a historiografia, enquanto literatura nacional, estava comprometida e se realizava mediante a visão nacional.

<sup>11</sup> *Gestalt* no sentido de dar forma, enformar. No caso de Langbehn o espírito alemão constitui a forma eterna e os indivíduos significativos são a matéria que os enforma, por isso *Gestalt*, que enforma. Parece haver um fundo hegeliano em seu pensamento no qual a história se apresenta como a realização de uma ideia ao longo do tempo.

incontáveis fatos, sem se perguntar muito sobre os seus valores; e ela cumpre apenas metade do seu dever (LANGBEHN, 1934, p.66).

O conhecimento histórico não deveria abdicar da crítica das fontes, mas encontrar uma síntese entre objetividade e subjetividade para a construção de uma relação axiológica com a vida prática. Ao realizar a segunda crítica, o historiador, de acordo com Langbehn, desempenharia a função ética de escolher as experiências históricas do passado que em relação valorativa com o presente seriam indispensáveis para a conformação de um futuro esperado.

#### IV - *Bildung* e conhecimento histórico.

O conceito moderno alemão de *Bildung*, difundido por Wilhelm von Humboldt, principal representante do neohumanismo alemão, diz respeito à formação autônoma do agente racional humano para a liberdade<sup>12</sup>. Com vista à uma formação integral que visa à humanidade, o ideal neohumanista de *Bildung* não se restringe à formação escolar, embora nela se integre. O objetivo último do homem, de acordo com Humboldt, era desenvolver em seu interior o conceito de humanidade. A união do próprio eu com o mundo, neste caso, a humanidade, perpassa também o objetivo de todo conhecimento humano (HUMBOLDT, 1960, p.25). Teoricamente, trata-se por conseguinte da convicção de que cada indivíduo porta a humanidade em si e é, assim, uma manifestação da humanidade.

A partir de uma perspectiva iluminista, Humboldt atrelou a vida nacional ao desenvolvimento da *Bildung*. Uma vez que o humano pode ser caracterizado pela *Bildung*, assim também ocorre com a vida de um povo. Portanto, a característica fundamental de um povo pode ser definida pela sua *Bildung* específica. Para Georg Bollenbeck, a *Bildung* assume, na Alemanha, uma especificidade semântica ao unir-se ao conceito de *Kultur* [cultura]. No caso alemão, diante da fragilidade política e da unificação tardia, a cultura é o elemento definidor da

---

<sup>12</sup> *Bildung* é um conceito de difícil tradução. Se traduzido por “educação” o termo deixa de sublinhar o caráter autônomo e interior da formação espiritual, passando a impressão de estar determinado pela instituição escolar. A tradução mais próxima para o inglês é a de Shaftesbury, *Bildung* como “self-formation” (KOSELLECK, 1990, p. 13-14).

identidade nacional. A *Bildung* encontra aqui sua função identitária pois o processo de auto formação torna-se o caminho mediante o qual ocorre a absorção de uma cultura especificamente nacional. Diante das transformações sociais ocorridas a partir da segunda metade do século 19, a *Bildung* continuou sendo um elemento fundamental para a interpretação da identidade nacional germânica.

É possível observar que os capítulos da obra de Langbehn são organizados a partir de temas fundamentais para a *Bildungsbürgertum* - a burguesia culta alemã - no final do século 19. Importante grupo social ao longo de todo século 19, a burguesia culta alemã se identificava mediante uma distinção cultural que a demarcava em relação aos demais grupos sociais. A identidade da *Bildungsbürgertum* fundamenta-se sobretudo na aquisição de uma *Kultur* e de uma formação interior, o auto cultivo do espírito. As transformações pelas quais passara a *Bildungsbürgertum* acompanharam também as modificações ocorridas com a ideia da *Bildung*. Portanto, no século 19 - acompanhando a nacionalização do conceito de *Bildung* aliado à absorção de uma *Kultur* especificamente nacional - a burguesia culta alemã se tornou o grupo responsável pela fundamentação de uma identidade nacional alemã. Mediante a fragilidade política alemã a cultura tornou-se assim elemento fundador da identidade. Nesse sentido a ideia de *Bildung* enquanto absorção de uma cultura nacional acoplada à ideia da formação autônoma do espírito, o *Geist*, associa-se diretamente à manutenção da identidade nacional alemã diante das transformações sociais.

No final do século 19 e início do século 20, a burguesia culta alemã, portadora da *Bildung*, viu-se desorientada diante da modernização da sociedade alemã. Diante de uma sociedade cada vez mais técnica e massificada a formação cultural do indivíduo parecia cada vez mais insignificante. Neste sentido, uma vez que as universidades eram ocupadas por representantes da *Bildungsbürgertum*, as discussões acerca da ciência e cultura que a atravessavam se conectavam diretamente com o próprio esfacelamento da identidade desse grupo social. Mesmo com sua postura anti-acadêmica, Langbehn era um representante da *Bildungsbürgertum*, e sua obra trata não somente da questão da identidade alemã, mas de como esta se vincula ao projeto nacional da *Bildungsbürgertum* e à sua crise.

O grande problema da *Bildung* era, para Langbehn, que ela se tornara científica e simplesmente voltada para o passado sem se preocupar em instituir valores para o presente e

para o futuro (LANGBEHN, 1934, p.1). Na opinião de Langbehn, a *Bildung* em seu formato científico, perdera a sua função para a vida. É possível notar aqui uma crítica à transformação do ideal auto formativo do agente racional autônomo - a *Bildung* neohumanista - em *Fachbildung*, ou seja, uma formação científica, desconectada de um componente espiritual individual que correspondesse à individualidade alemã. A crítica do autor à *Bildung* se conecta diretamente ao seu ideal de ciência. O problema da *Bildung* era que ela estava desatrelada da subjetividade voltada para o nacional. Ao tratar da relação entre história e *Bildung*, Langbehn destaca o caráter pedagógico do conhecimento histórico. Logo, o passado histórico alemão “deve ser tratado como uma escola para o futuro” (LANGBEHN, 1934, p.63).

O individualismo é a ponte que liga a *Bildung* e o conhecimento histórico. Para Langbehn, o conhecimento histórico só é possível mediante o indivíduo significativo “um microcosmo” das características nacionais (LANGBEHN, 1934, p.85). Ao desempenhar uma função formativa, o conhecimento histórico contribuía para a auto formação individual, tornava-se componente da *Bildung* que se reflete na produção do conhecimento histórico a partir do agente subjetivo que visa a fundamentar valores para o presente. Torna-se, portanto, um ciclo que se retroalimenta. A história, ao tratar dos indivíduos que são portadores da *Bildung* - *Bildungsträger* - garante a continuidade de características comuns e imutáveis, ou seja, garante a continuidade identitária. Cabe lembrar que o individualismo se apresenta por duas vias interconectadas, uma vez que corresponde tanto ao objeto de estudo do conhecimento histórico - o indivíduo significativo - quanto ao historiador e sua respectiva individualidade que está intersubjetivamente ligada àquela do objeto.

Na vida, a individualidade de um povo se revela pelas sólidas recorrências de sua individualidade. Recorrer a elas e sobretudo acentuar onde, quando e como elas se evidenciaram é o dever do verdadeiro historiador; este [o historiador] influencia o povo educando-o, quando ele mediante o caminho de sua própria individualidade, chama de volta à memória a viva capacidade formativa [*Gestalten*] dos seus heróis espirituais (LANGBEHN, 1934, p.90)

Nesse ciclo, *Bildung*, enquanto formação interior a partir da absorção de uma cultura especificamente nacional e para o qual o conhecimento histórico é indispensável, torna-se elemento unificador comum para a idealização de uma identidade nacional. A “*Bildung* verdadeira” liga-se necessariamente à individualidade de um povo. Ao seu contrário, a “falsa *Bildung*”, ou seja, a *Fachbildung*, seria desconectada das questões nacionais ou mesmo avessa

a elas. Para Langbehn, os jovens de seu tempo estavam sendo formados a partir de uma falsa *Bildung* que deveria ser substituída pela verdadeira (LANGBEHN, 1934, p.91). Avesso à cultura das grandes cidades, elemento característico da reação anti-racionalista do final do século 19 e primeiras décadas do século 20, Langbehn cita uma “*Berliner Bildung*” enquanto modelo dessa *Fachbildung* predominante em sua época. A “*Berliner Bildung*” - uma referência também à própria Universidade de Berlim – encontrava-se associada diretamente à ciência especializada, “uma *Bildung* assentada sobre uma base científica, ou, melhor dizendo, um entendimento medíocre” (LANGBEHN, 1934, p.101).

A *Bildung* deveria deixar de ser abstrata e aproximar-se da vida prática, do “concreto”(LANGBEHN, 1934, p.158). Havia a necessidade, para restabelecer a identidade alemã, que a ponte rompida entre os intelectuais [*Gebildeten*] e os não intelectuais fosse reconstruída, pois somente assim haveria a possibilidade do estabelecimento de uma *Bildung* atrelada ao nacional. “Os atuais intelectuais alemães da *Bildung* deveriam se voltar-se para uma *Bildung* do povo [ *Volksbildung*] (LANGBEHN, 1934, p. 173).

Langbehn propõe uma nova época para a *Bildung*, a *Bildung* artística, assentada em um diálogo intersubjetivo com o passado em vista da garantia da identidade nacional para o futuro. Langbehn sugeriu que a *Bildung* científica do seu tempo não era suficiente, pois estava desconectada com a vida prática. No entanto, o mesmo era válido para a geração anterior, a *Bildung* idealista que, ao prezar o mundo das ideias, esquecera-se de sua relação prática com a realidade. Portanto, novamente, a ideia de uma possível síntese aparece como central para Langbehn. Não há a procura por uma negação radical da *Bildung* científica ou idealista, pois ambas possuem importância para a construção de uma *Bildung* artística. A marca de distinção dessa nova *Bildung* seria sua relação com a vida prática a partir de um diálogo intersubjetivo com o passado a partir da expectativa do futuro.

Assim como para todo o conhecimento científicos, a *Bildung* deveria ser artística. O caráter artístico do conhecimento possui um viés aristocrático. No entender de Langbehn poucos eram os que podiam desempenhar a função de artista, pois o *Dasein* artístico era uma característica nata e era essa a razão pela qual o artista, ao contrário do intelectual, encontrava-se mais próximo do povo. Contudo, aos intelectuais [*Gelehrten*] restava a tarefa de aprender a pensar e produzir como um artista e assim substituir a *gelehrte Bildung* - a *Bildung*

intelectualizada - pela *künstlerische Bildung* - a *Bildung* artística. Torna-se portanto, tarefa dos intelectuais a modificação da *Bildung* alemã a qual ao ser artística, desempenharia um papel formador para o povo (LANGBEHN, 1934, p.40).

*Bildung* e conhecimento histórico encontram-se totalmente vinculados no entender de Langbehn na tarefa de reconstruir uma identidade cultural nacional alemã. O conhecimento histórico desempenha uma função pragmática ao trazer para o presente valores indispensáveis para a reconstrução da identidade alemã, assumindo assim uma função axiológica com o presente. A identidade alemã se fundamenta na *Bildung*, na auto formação interior, no cultivo do espírito, na absorção de uma cultura nacional. A individualidade histórica - o indivíduo significativo - porta a identidade nacional, logo, a *Bildung* ideal. A noção da possibilidade de um diálogo intersubjetivo e a ideia da permanência de um *Geist* que se apresenta nas individualidades ao longo da história é fundamental. A sociedade moderna aparece, assim, como uma solução que explica uma descontinuidade histórica no processo histórico do povo alemão. O presente aparece como um tempo suspenso a partir do qual seria necessário retomar a continuidade do povo alemão mediante o reencontro com sua identidade, sua *Bildung* nacional.

#### V - Considerações finais:

O pensamento de Langbehn apresenta, de maneira ampla, uma aversão à sociedade moderna e ao esfacelamento da identidade da *Bildungsbürgertum*. A partir do fim do século 19 a *Bildung* neohumanista que havia se consolidado como elemento fundamental da identidade nacional mediante a absorção de uma *Kultur* especificamente nacional, começou a perder consideravelmente seu papel social. A perda de importância da *Bildung* significou também a crise do papel social da *Bildungsbürgertum*. Tal crise se acentuará consideravelmente no alvorecer do século XX. Nesse sentido, não surpreende que o *Rembrandt* de Langbehn esteja vinculado a diversos temas conectados diretamente com a *Bildungsbürgertum*. Conhecimento histórico e *Bildung* estavam entre os temas discutidos entre a burguesia culta alemã do final do século 19. Por isso, mesmo avesso ao sistema acadêmico, ele aparece como um tema inevitável

a Langbehn. Para a burguesia culta, a ciência era o meio pelo qual se difundia a *Bildung*. A partir do momento em que a *Bildung* de raiz humanista, alicerçada sob os pilares do ginásio neohumanista com uma tendência acentuada para a formação clássica, foi ameaçada pelo crescimento da ciência especializada e do domínio das ciências naturais, ela se tornou uma temática recorrente no meio intelectual alemão. Importante lembrar que Langbehn escreveu em um império alemão unificado ainda muito jovem. A falta de unificação política foi na Alemanha compensada a partir da ideia de uma *Kultur* nacional como elemento unificador identitário e essa *Kultur* se mantinha via *Bildung*. A unificação política trouxe uma nova realidade social, um elemento unificador estatal e assim também a necessidade de refletir sobre a identidade nacional alemã que agora contava com um elemento político antes não existente.

Desde que Friedrich Nietzsche publicou sua *Segunda Consideração Intempestiva* em 1874, o conhecimento histórico viu-se abalado em sua função prática para a vida humana. O paradigma histórico então vigente durante todo o século 19 - o historicismo - passava a ser arduamente questionado. A crise do historicismo pode ser compreendida como uma crise da função pragmática do conhecimento histórico, da sua capacidade formativa, *Bildung*. A *Bildung* era um elemento cultural importante que ao fundamentar a identidade, tornava-se uma referência para a interpretação do mundo, um meio pelo qual os indivíduos se orientavam diante de suas possibilidades de ação. Nesse sentido, é possível compreender a obra de Langbehn como uma discussão com o historicismo. Não por acaso, Leopold von Ranke, o pai do historicismo alemão, é apresentado como um contra modelo do historiador ideal. O historicismo é compreendido como um conhecimento histórico desprovido de função prática para a vida dos homens no presente e, no caso de Langbehn, afastado das questões urgentes que diziam respeito à identidade.

A solução para a crise do historicismo estava assim não no rompimento com a crítica metódica das fontes, mas numa narrativa histórica que devia prezar pelas questões nacionais mediante a reabilitação da subjetividade do historiador. A história como arte - *Kunst* - desempenharia uma função prática fundamental ao analisar o indivíduo significativo, portador da identidade nacional. A narrativa histórica assumiria uma função formativa ao estabelecer um diálogo intersubjetivo com o passado tendo em vista a manutenção de uma identidade cultural alemã assentada sobre a absorção de uma cultura especificamente nacional, mediante a auto

formação do indivíduo autônomo, ou seja, a *Bildung*.

Uma questão aparece na obra de Langbehn e ela permanece sem solução. O conhecimento histórico somente pode ser construído a partir de um entrecruzamento intersubjetivo entre pesquisador, objeto e leitor. Esse diálogo intersubjetivo seria responsável pela manutenção de elementos nacionais comuns, e portanto, fundamental para a fundamentação da identidade nacional. Langbehn afirma que o historiador deve, a partir de seu presente, buscar elementos no passado que, representados na individualidade histórica, trariam valores fundamentais para o futuro. Nessa lógica, passado, presente e futuro aparecem interligados. No entanto, Langbehn parece procurar um rompimento com o seu tempo presente considerado degenerado e por isso a insistência em reconstruir a identidade alemã a partir das individualidades históricas do passado, no caso de Langbehn, *Rembrandt*. Contudo, o autor não se atentou para a questão da continuidade histórica. O presente aparece como tempo fundamental para o historiador, mas ao mesmo tempo como uma descontinuidade, um tempo suspenso que Langbehn deseja eliminar a fim de reencontrar a continuidade histórica entre passado e futuro.

Langbehn colocou em seu *Rembrandt* questões que foram amplamente debatidas a partir do final do século 19 e nas primeiras décadas do século 20. Mesmo que sua obra possua um viés irracional e uma estrutura assistemática, Langbehn, assim como afirmou Stern, antecipou questões fundamentais para a intelectualidade alemã do período. A convicção de que a narrativa histórica era um processo separado da pesquisa histórica foi uma delas. Essa ideia tornou-se relevante para justificar a tese de uma conciliação entre um trabalho metodicamente controlado e uma escrita voltada para a perspectiva nacional. A reabilitação da subjetividade em detrimento do ideal de objetividade proposto pelas ciências naturais ocupou grande parte dos debates intelectuais do final do século 19 e do início do século 20 e aparece em obras fundamentais de intelectuais como Wilhelm Dilthey (1833-1911) e Max Weber (1864-1920).

Outra questão relevante é a aproximação entre ciência e arte. Thomas Nipperdey afirma que a partir do final do século 19, a arte assumiu uma função religiosa enquanto uma religião secularizada [*unkirchliche Religion*]. Nesse sentido, vários artistas se colocaram como profetas de um renascimento cultural alemão. No caso alemão, o círculo de Stefan George se constituiu como um grupo que propôs, de modo muito semelhante ao de Langbehn, um conhecimento

científico artístico de fundo intuitivo, ligado diretamente ao espírito nacional. *Kunst* constitui, ao que tudo indica, um conceito chave que concentra uma repulsa à sociedade moderna industrial e ao mesmo tempo a um conhecimento desprovido de subjetividade.

Langbehn não era historiador de formação, mas suas reflexões estão inseridas dentro de um conjunto maior de debates sobre o conhecimento histórico. Isso aponta para a relevância que o conhecimento histórico ganhou a partir do final do século 19. A história ocupa um lugar central nas discussões sobre as possibilidades da continuidade identitária no alvorecer de uma sociedade industrializada e massificada. As discussões sobre as formas e as funções do conhecimento histórico não se encontravam restritas aos historiadores profissionais e não estavam encarceradas dentro das universidades, ganhando uma relevância significativa no espaço social.

**Referências Bibliográficas:**

- BEHRENDT, Bernd. *Zwischen Paradox und Paralogismus: weltanschauliche Grundzüge einer Kulturkritik*. Frankfurt am Main: Lang, 1984.
- BOLLENBECK, Georg. *Bildung und Kultur. Glanz und Elend eines deutschen Deutungsmusters*. Frankfurt: Suhrkamp, 1996.
- BÜRGER-PRINZ, Hans. *Julius Langbehn der Rembrandtdeutsche: eine pathopsychologische Studie*. Leipzig: Johann Ambrosius Bahth, 1940.
- HOBBSAWM, Eric. *A Era do Capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- HUMBOLDT, Wilhelm von. "Theorie des Bildung des Menschen". In: FLITNER, Andreas; GIEL, Klaus (Hgb.) *Werk in fünf Bänden*. Darmstadt, 1960.
- KOSELLECK, Reinhardt. *Bildungsbürgertum im 19. Jahrhundert*. Teil II. Stuttgart: Klett-Cotta, 1990.
- LANGBEHN, Julius. *Rembrandt als Erzieher*. Weimar: Alexander Duncker Verlag: 1934.
- NIPPERDEY, Thomas. *Deutsche Geschichte: 1866-1918*. Band I: Arbeitswelt und Bürgergeist. Munique: Verlag C.H. Becker, 1990.
- NISSEN, Benedikt M. *Der Rembrandtdeutsche Julius Langbehn*. Freiburg im Breisgau: Herder, 1926.
- PANKAU, Johannes. *Wege zurück: zur Entwicklungsgeschichte restaurativen Denkens im Kaiserreich; eine Untersuchung kulturkritischer und deutschkundreicher Ideologiebildung*. Frankfurt am Main: Lang, 1983.
- RÜSEN, Jörn. *História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Reconstrução do Passado*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.
- STERN, Fritz. *Kulturpessimismus als politische Gefahr: eine Analyse nationaler Ideologie in Deutschland*. Stuttgart: Klett-Cotta, 2005.